

# Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES  
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série  
NÚMERO 8  
Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade  
Guimarães, 30 de Junho de 1930  
Redacção e Adm.: P. D. AF. HENRIQUES, 11.  
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

Ecos. Notícias. Comentários.

## CONTINUANDO

Ecos. Notícias. Comentários.

Vários assinantes se nos queixaram, por mais de uma vez, da irregularidade da distribuição deste jornal. Algumas devoluções e recusas de pagamento dos recibos da cobrança foram motivadas por essa irregularidade.

Para acabar de vez com um tal estado de coisas, resolvemos passar a enviar o jornal aos nossos assinantes pelo correio, ficando, assim, a todos assegurado o seu recebimento a tempo e horas. Embora represente um maior encargo, a juntar a tantos outros que dificultam enormemente a vida dos pequenos jornais, tomamos esta resolução no desejo de bem servir as pessoas que nos distinguem com a sua simpatia, ou, pelo menos, com o seu interesse.

\*

Sobre o caso do Museu Alberto Sampaio, isto é, sobre a campanha levantada por um jornal local contra o director deste Museu, fizemos, no nosso último número, dois comentários muito ligeiros, é certo, mas nem por isso menos sensatos e oportunos.

Certas criaturas, destas que, a propósito e a despropósito de tudo, maisnam as intenções de quem procura trabalhar com honestidade e desinteresse, não compreenderam, ou fingiram não compreender o que tão claramente dissemos sobre o assunto. Já não é a primeira vez que assim acontece.

Paciência... e continuamos afirmando que a forma mais razoável e mais lógica de acabar para sempre com questiúnculas, campanhas, debates, etc., é a da realização de um inquérito, feito por pessoa competente e de confiança. E' esta, repetimo-lo, a solução que mais pode agradar a todos.

\*

Protesta o nosso prezado colega «Comércio de Guimarães» contra o facto de havermos escrito, ao falarmos do caso a que acima nos referimos, que ele defendia o sr. Alfredo Guimarães.

Se ao colega molesta a afirmação, prontamente a retiramos, declarando, porém, que ela está longe de ser infundamentada. De resto, o «Comércio», defendendo o director do Museu Alberto Sampaio, estava no seu plenissimo direito.

Nós é que nem o atacamos, nem o defendemos. Limitamo-nos a esperar que tudo se esclareça, por meio de rigoroso inquérito.

Este número foi visado pela comissão de censura

E' muito pouco e é tudo, dizia eu no fim do primeiro artiguelho que escrevi para o «Pro-Vimaranense», a propósito da necessidade que há de que os vimaranenses se unam todos em volta da bandeira da sua terra e da urgência, cada vez mais patente, de se mudar de rumo, no que toca à defesa dos interesses colectivos, varrendo esse comodismo parasitário, impróprio dos nossos dias.

E porque se não faz? Porque em Guimarães não haja bairrismo, porque os vimaranenses não queiram vêr a sua terra ombrear com as outras em progresso, em prosperidades? Não deve ser, não é: Esse bairrismo estadeia-se aí a cada passo, transpira, ardoroso, em tôdas as vozes, alvo-roça tôdas as almas e todos os corações, mas só quando a gente abanca à trivial mesita do café, no gôso do apetecido ripanço. Aí, sim, e aí é que está o mal. Há bairrismo, mas é um bairrismo de trazer por casa, é um bairrismo de café. Fora disso...

O vimaranense sabe o que quer, mas não sabe querer, não tem sabido querer. Sabe o que falta à sua terra, sabe o que é preciso fazer, deseja ardentemente que se faça; mas, quanto a realizações, mete-se em casa. Espera. Lá estão os outros... Há-de aparecer alguém...

E' um bairrismo que está ainda na fase messiânica, que anda de esperanças, à coca de lua favorável ao repelão salvador. No fundo, anda aí aquele doentio Sebastianismo da raça, que tão bem se casa com o não-te-rales de tantos que ainda hoje confiam no maná das escrituras. E' uma doença, mal da grei, convenio, agravada ainda por males locais. Mas, por isso mesmo é que é preciso combatê-la, é que urge procurar-lhe o remédio. Por isso mesmo é que eu acamarado com os vimaranenses de boa vontade, com os que não recuam ante quaisquer sacrifícios para valorizar a sua terra, para dar a esta o lugar que lhe compete. E' por isso, e porque muito quero a este rincão tão lindo, que eu aplaudo e alento o esforço dos que se propõem lutar contra a inércia geral, contra o vergonhoso comodismo indígena, que não sabe sequer guardar para os seus filhos o valioso património que de seus maiores herdou. Pois não é esta a verdade, a amarga verdade que os factos vão provando dia a dia? De que nos vale andar para aí a alardear as belezas naturais da nossa terra, a encher a bôca com os quantiosos recursos que nos veem do nosso comércio, das nossas indústrias e da nossa la-

voura, a poetizar em redor das nossas tradições e dos mimos de arte que em nossa casa guardamos, se de tudo isto não sabemos, ou, antes, não queremos, tirar aqueles benefícios com que havemos de embelezar, aumentar, modernizar, enfim, a terra que nos foi bërço?

Não será crime deixar que os nossos vizinhos progridam, que todos os outros progridam, enquanto nós nos quedamos em marasmo condenável, numa confissão de impotência aviltante? E se já é condenável o facto de não acompanharmos os outros nos aperfeiçoamentos, nos seus progressos, muito mais condenável é o que entre nós se está dando — o facto de abandonarmos uma posição já conquistada, de perdermos terreno, a ponto de, dentro em pouco, vermos Guimarães ter de cidade apenas o nome. Ou não será assim?

Para longe vá o agoiro, mas, se continúa a vigorar entre nós esse particularismo charro e nefasto, se entre nós se há-de manter ainda êsse cómodo indiferentismo que faz estiolar e morrer as mais fortes energias, de esperar é que o que está sendo crise se torne, brevemente, em declarada e insuperável decadência.

Para longe vá o agoiro!...

D. O.

### Sarau de Arte e Caridade

O nosso colaborador sr. A. L. de Carvalho, que na Junta Geral do Distrito vem exercendo uma acção que merece louvores, pelo que dela já resultou de benefícios para Guimarães, foi, no ano transacto, quem mais trabalhou pela realização da iniciativa de levar a banhos de mar, na Póvoa de Varzim, as criancinhas do Asilo de Santa Estefânia, Oficinas de S. José e Creche Vimaranense.

Triunfou esplendidamente a iniciativa, que êste ano, com a ajuda de todos os vimaranenses de boa-vontade, irá ter também realização prática. Para o conseguir, organizou aquele nosso colaborador um Sarau de Arte e Caridade, no qual colabora o ilustre e consagrado compositor Armando Leça, cooperando também o Grupo Dramático e Orfeónico Vimaranense, sob a regência de António Guise.

Já porque o programa é interessantíssimo, já porque, principalmente, o objectivo é dos mais elevados e dignos de ajuda e aplauso, é de esperar que os proventos materiais sejam avultados.

Visitaram oficialmente a cidade de Braga os srs. ministros do Interior, da Guerra, do Comércio e da Justiça.

Essa visita faz-nos lembrar aquela outra que à nossa terra foi feita, também oficialmente, vai há dois anos. Tôdas as esperanças acalentadas ruíram estrondosamente, transformando se em amargas desilusões...

\*

O tempo prejudicou desastrosamente as festas ao S. João na Penha, que, se assim não acontecesse, resultariam brilhantes.

Apesar de tudo, a afluência de público, especialmente na véspera, foi muito grande.

Dentro de dias, no próximo domingo, teremos o S. Torcato, «a maior romaria do País», no dizer dos cartazes. Vai o bom povinho divertir-se à vontade, arredando para longe, por umas horas, o pensamento das dificuldades da vida.

Depois o S. Tiago da Costa. A seguir o S. Cristóvão. E outras, e muitas mais, as romarias sucedem-se nesta época, umas melhores, outras piores, tôdas fartamente frequentadas.

\*

Sob o pseudónimo de «Dório» começa hoje no nosso jornal uma campanha sobre a tuberculose um dos nossos mais brilhantes colaboradores.

O problema do combate à terrível doença é, presentemente, no nosso país, e, particularmente, na nossa terra, o de maior acuidade, devendo por isso merecer a atenção cuidada de todos, porque todos vivemos sob a ameaça de contágio.

\*

E' definitiva e irrevogável a resolução de não realizar as festas da cidade.

De nada valeram, portanto, os nossos esforços. Oxalá que, ao menos, as feiras nos não envergonhem.

Onde parará aquela decantada energia, poder de iniciativa e vontade, dos vimaranenses?...

\*

Eduardo d'Almeida, que hoje volta a honrar as colunas deste jornal com a sua brilhante colaboração, que, segundo promessa feita, será, de agora em diante, assídua, formou-se em direito, depois de um curso brilhante, no ano de 1905, no dia 26 de Junho.

Há, pois, vinte e cinco anos que o nosso ilustre conterrâneo, herdeiro de um nome que sempre

## E a Polícia?

No corredor da Misericórdia vimos, sentada na soleira da porta que deita para o largo, dias e dias seguidos, uma mulherzinha, de trajas esfarrapadas, com um aspecto revelador da mais desoladora miséria, procedendo ao... despiolhamento de umas pequenitas que a acompanhavam.

Começa assim a verificar-se nos lugares mais centrais da cidade aquêl porquíssimo hábito de muitos habitantes das ruas mais distantes e mais populosas.

—No citado corredor fazem também quartel general outras esfomeadas e esqueléticas criaturas que por aí andam, atravessando constantemente as ruas, sob os olhares complacentes dos civicos, no indecoroso e ignóbil comércio da prostituição.

—Na rua das Hortas, estorvando o caminhante, é vulgaríssimo verem-se filas inacabáveis de roupa a secar, dependurada em fios presos por estacas aos muros. O local parece nos impróprio para secadouro...

—Na Praça D. Afonso Henriques, no passeio onde estão situados o Hotel do Toural e o Café Oriental, e especialmente entre as portas destas duas casas, vê-se todos os dias uma multidão de garotos sujos, esfarrapados, numa vadiagem perigosíssima, não largando com pedinchices qualquer que por lá passa, dando a indígenas e a visitantes um espectáculo confrangedor, que muito compromete o nosso nome e o nosso brio.

\*

Para estas e outras coisas mais seria bom que olhasse a nossa boa e incomparável polícia civica. Ao sr. Administrador do Concelho pedimos que ordene o que julgar mais conveniente.

Se com tão poucos guardas não pode fazer-se um policiamento decente, haja coragem de dizer a quem de direito, com toda a energia e até com toda a indignação: Não pode continuar-se assim.

Dêem nos ao menos polícia que nos coloque um pouco arriba de Paio Pires!...

tem sabido honrar, vem exercendo a nobilíssima profissão de advogado, com invulgar talento e com absoluta dignidade.

Sabemos que vai arrelhar-se por aqui deixarmos escritas estas desprezíveis, mas muito sinceras palavras de admiração. Não podíamos, porém, deixar de as escrever, não só por nós, com cuja amizade êle conta desde há muito, mas, muito especialmente, por representação dos seus admiradores, que são todos os vimaranenses.

\*

Este número sai um pouco atrasado, devido a circunstâncias estranhas à nossa vontade. Pedimos do facto desculpa aos nossos leitores.

O próximo, a publicar no dia 10, será dedicado à iniciativa da construção de um teatro nesta cidade.

## CHAPÉUS

Sempre os últimos modelos.

Só na Casa das Gravatas.

## Um artista, crítico de Arte

Foi logo nos primeiros dias da Assembleia Nacional Constituinte, em 1911, que se me fixou na retina aquela figura um pouco estranha, impressionante na singularidade do perfil cavalheiresco, de olhos luminosamente profundos e românticos. O aprumo de maneiras, o sobrio afastamento de conciliábulos anecdóticos ou enredistas, a sua camaradagem com Alexandre Braga, o mais notável tribuno académico que tenho ouvido, verdadeiro artista cinzelador da palavra oratória, ainda mais aguçavam a minha curiosidade intelectual. As primeiras referências que pude colhêr, para além da zona política, em que o seu nome se impunha por haver fundado, ainda muito novo, com Basílio Teles, Sampaio Bruno e Júlio de Matos, um núcleo de organização e propaganda democrática no Norte, e pela sua cooperação com Rocha Peixoto na manhã de 31 de Janeiro, davam-no como nascido em Chaves, formado em medicina, e proposto por Sousa Viterbo Professor da Escola de Belas Artes de Lisboa. Não era o bastante. Tinha a impressão viva, o instinto psicológico se quiserem, que ali estava alguém, que não me haviam ainda mostrado. Que conhecera e privara com Bulhão Pato e escrevera um livro intitulado *Gouaches*. Lancei-me à procura do livro — a edição estava na verdade completamente esgotada, mas foi nesta busca que vim a descobri-lo como apaixonado de *Flaubert*, devendo-lhe não só a divulgação das suas obras em Portugal, mas a difícil versão delas numa estilização modelar, digna do Colosso.

Devo ao Dr. Manuel Monteiro, gentil espírito de erudito, o conhecimento daquele valor que eu tão auto-sugestionadamente entrevira, e até o conhecimento pessoal do Dr. João Barreira. É raro encontrar-se, e eu nunca vi, um espírito de mais lúcida e penetradora intuição das obras de arte, de uma análise finamente precisa, minuciosa, detalhante, com uma cultura de longos anos de apurado estudo, de tão fúlgura, sugestiva, radiação na conversa, de uma nervosa, intensa e ao mesmo tempo disciplinada sensibilidade, inteligência viva, que prende e desconcerta, verdadeira «alma de artista», e afável, da elegância moral da verdadeira estirpe, no traço satírico do verdadeiro humorismo erudito. São destas horas, as que se passam na sua intimidade, que nunca mais esquecem, e recordamos com saudade, porque nos desafogam da pressão ambiente comezinha, e vamos, embuçados em capas aventurescas de boémios, pelas ruelas solitárias dos burgos antigos, à luz mortiça dos nichos, contemplando as ruínas evocativas, levantando as adufas das casas sepulcrais, vendo florir a graça das pequeninas esculturas musgosas, a simbologia dos arcos vazios como órbitas de caveira, dos templos desmantelados em que esvoaçam as corujas, até que sentimos, sob a fascinação da arte, a vida morta ressuscitar, chamear-se de sol o povoado, correrem os guerreiros

nas barbacans, sorrir a água das fontes no barro das cantarinhas vermelhas, bater o cinzel, toar a bigorna, bufar o malho nos eirados, dobrarem os sinos, e, na estropiada dos cavalos, entre o açodar dos peões, encher-se o Largo-da-Feira de povo murmurinho, bailarem os namorados na romaria, soluçarem os tristes na grande serenidade das naves: e então compreenderemos o anseio do alvenil, o sonho do oleiro, a graça do estatuário, a eterna, a deliciosa e torturante dinamização do sentimento artístico.

Tôdas estas qualidades de conhecimento profundo, de meditado estudo, de intuição maravilhosa, de crítica superiormente intelectual, as revela na prosa de um verdadeiro estatuário da palavra, com uma riqueza imprevisível de imagens, sob um colorido pictórico encantadoramente sugestivo, o dr. João Barreira nos seus livros — *A Arte Grega* (o melhor tratado da história da arte grega que há em Portugal, que seguramente reputamos indispensável em todos os Liceus e Escolas Industriais); *A Morte do Imaginário*, obra-prima do novelista erudito, em que o sentimento romântico do admirador de *Flaubert* perfeitamente se harmoniza e inspira no sentimento nacional e se transfilta pelo crítico de arte num feiticeiro poder de evocação; *Sylva de Arte*, livro admirável de conceitos e alegorias, são e piedoso, onde estão páginas imortais de literatura e de critério artístico, obra de perturbante comoção e de sólidos ensinamentos; e *A Escultura*, trabalho destinado à Exposição Portuguesa em Sevilha, e que, por isso, destinando-se, como diz o autor, a ser mais de propaganda do que de dialéctica, vem a ser, afinal, a mais preciosa síntese que temos sobre o assunto. Falece-me absolutamente a competência para apreciar estas obras. Nem estas obras se comentam senão diante dos monumentos ou em conversa, lendo-as — com elas na mão. Mas cumpro um dever de português recomendando-as à atenção de todo o devoto de coisas de arte, o que tudo vale na vida, com o amor.

Eduardo d'Almeida.

V. Ex.<sup>a</sup> deseja adquirir um vestido ou um casaco de Grande Novidade em seda, lã ou fantasia?

Vá à CASA HIGH-LIFE e ali encontra um sortido completo a preços reduzidos.

Vendas só a dinheiro.

### SOCIEDADE COLUMBÓFILA VIMARANENSE

Os corpos gerentes desta colectividade, que acaba de constituir-se, ficaram assim constituídos: — *Direcção*: Presidente, Francisco da Costa Jorge; 1.º secretário, Torcato Mendes Simões; 2.º secretário, António da Cunha Sampaio; Tesoureiro, Silvino Alves de Sousa; vogais, Domingos Alves Ferreira, Manuel Alves Machado, Júlio da Silva e Joaquim de Almeida. *Assembleia Geral*: Presidente, Dr. Isaías Vieira de Castro; 1.º secretário, Rafael de Carvalho; 2.º secretário, Domingos André de Magalhães. *Conselho Fiscal*: Humberto Guimarães Pinheiro, José Luis Carneira e António José Pereira da Silva.

## Incompreensível

Fomos informados, por pessoa merecedora de todo o crédito, que, na véspera de S. João, as autoridades de Braga não permitiam a saída de automóveis *pela estrada de Guimarães* antes das 2 horas da manhã.

Segundo tal informação, essa medida fôra tomada com o intuito de impedir que alguns forasteiros pudessem dirigir-se para a Penha.

Declaramos com franqueza que ficamos convencidos que o nosso informador laborava em erro, e assim lho dissemos. Garantiu-nos, porém, que era verdade. E de que é verdade parece não restar agora dúvida alguma, pois «A Velha Guarda» se refere ao caso, comentando-o com a energia necessária.

É espantoso! — diz o nosso colega.

É ridículo, simplesmente ridículo, dizêmo-lo nós...

O facto de em má hora nos terem levado muitas coisas que possuíamos, e a que tínhamos direito, não autoriza, seja quem fôr, a molestar-nos com atitudes tão impróprias e tão... indelicadas. Guimarães ainda é, e será, de tôdas as terras do distrito, a que mais contribue para os cofres do Estado. Mais do que tôdas as outras juntas, incluindo Braga. Guimarães é, e sempre será, aquela cidade gloriosa que merece o respeito e a veneração de todos os portugueses...

### CASA DAS GRAVATAS

O mais completo sortido no género.

Sempre as últimas Novidades.

Vejam os nossos preços.

### No barracão

da rua de Gil Vicente

Realizou ontem neste barracão o seu primeiro espectáculo a Companhia Lucília Simões-Erico Braga, fazendo subir a scena a hilariante comédia «O Homem das 5 horas», em que Joaquim Almada, extraordinário actor cómico, desconhecido de muitos vimaranenses, e Erico Braga, num papel muito diferente dos que habitualmente desempenha, marcaram com grande brilhantismo a sua qualidade incontestável de artistas conscienciosos.

Lucília, a gloriosa Lucília, foi a grande artista de sempre. Todo o conjunto bom, à altura do desempenho dos principais papeis.

Sabemos que é angustiante a crise teatral no nosso país, todos procurando trabalhar onde e como podem. Uma coisa, contudo, nunca sonhamos sequer: — vêr Lucília Simões pisar o palco do imundo e infecto barracão.

Ai tempos, tempos, que surpresas, cada vez mais imprevisíveis, nos reservais?!...

### Falta de espaço

Não publicamos neste número bastante original em nosso poder por absoluta falta de espaço, do que pedimos desculpa aos nossos ilustres colaboradores.

**Reclamação atendível**

Quando da visita feita ao sr. Governador Civil do Distrito pela direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, foi por este organismo entregue áquella autoridade uma representação, transcrita no nosso segundo número.

Nela se fazia referência a algumas das mais instantes e justas aspirações dos vimaranenses.

Entre elas, uma era apontada, bem modesta, por sinal: — a de que os serviços telefónicos fossem permanentes, tal como acontece, com muito menos razão de ser, em outras terras.

Todos sabemos perfeitamente que nenhuma das reclamações locais foi ainda atendida. Deixemos, porém, hoje, de parte as outras, para falar desta, tão simples e tão comensal.

Ora, pergunta-se: — Que obstáculos ou que dificuldades poderão impedir que se estabeleça a permanência dos serviços telefónicos de Guimarães?

**Louças e Artigos para brinde  
O mais completo sortido  
Casa Martins**

**Circular enviada  
aos antigos Alunos do  
Seminário-Liceu de Guimarães**

Motivos assaz imperiosos obrigam a adiar pela terceira vez para o futuro ano lectivo de 1930 a 1931 a nossa Festa de Homenagem à saudosa memória do nosso sempre querido Reitor, Dr. Manuel de Jesus Pimenta.

Após ponderada reflexão e prévia consulta à Comissão de Antigos Alunos que a Lisboa foi convidar o Eminentíssimo Cardeal a presidir a estas homenagens e de harmonia com o unânime sentir dos que conhecem os entres presentes, assim se resolveu, porque assim o exige o esplendor e o cunho de solenidade que todos procuram imprimir a esse acto de Justiça e gratidão para que resulte grandioso para o Homenageado e digno dos seus promotores.

Parece que o grande Pedagogo e eminente Educador, sempre cioso da sua modéstia e humildade, procura da sua própria sepultura pôr embargo às nossas justíssimas aspirações, sugerindo obstáculos que nos obrigam a calar por algum tempo a eloquente linguagem do eterno reconhecimento que lhe é devido.

Todos os obstáculos, porém, desaparecerão em face da nossa tenaz persistência e, no ano de 1930 a 1931, há de raiar um dia em que nós, dando expansão aos nobres sentimentos que em nossa alma sempre albergamos, havemos de saldar com prodigalidade essa grande dívida de gratidão que durante a nossa despreocupada mocidade contraímos.

Com a devida antecedência e juntamente com o programa das festas a realizar, ser-vos-há indicado esse dia por nós, há muito, veementemente desejado.

Guimarães e Internato Municipal, 15 de Junho de 1930.

P.<sup>o</sup> Gaspar Nunes.

**A TUBERCULOSE**

Não. Deixemo-nos de palinódias, deixemo-nos de sofismas e vamos a encarar os factos na sua crueza amarga. A guerra, as trincheiras, etc. e tal, deram-nos um grande contingente de tuberculosos, um grande exército de doentes. E' verdade. Mas o que se não deve esquecer é que nós, e agora mais do que então, oferecemos um excelente campo para a propagação da moléstia. Há muito já, muito antes da guerra, que aqui e além se ouviam protestos contra o abandono a que se votavam as classes pobres e se apontava a todos a ceifa que entre elas ia fazendo a peste branca. Não era nada que se comparasse à cifra de hoje, mas era já o bastante para alarmar. A guerra, as trincheiras, etc., etc., aumentaram, simplesmente, o mal. Este é velho, tem fundas raízes entre nós e reflecte todas as oscilações da nossa vida económica. Hoje é um horror, um pavor. A tuberculose está a arrancar-nos 25.000 vidas por ano, uma vida por cada quarto de hora que passa. Está a tomar fóros de epidemia, de tal modo mina e alastra, tal o número de vítimas que vem fazendo. Uma catástrofe, vá lá o termo próprio. Mas, querer atribuir este estado de coisas à guerra, à vida das trincheiras, é, ou ilusão infantil, ou sofisma grosseiro.

Nos grandes centros, nos sectores operários, principalmente, o mal é antigo e alastra actualmente de modo assustador. Os leitores sabem, é de crêr, como vive o nosso operário. Nem higiene, nem alimentação, nem habitação. A casa do proletário — só a dêsse? — é fétida pocilga onde se atrofiam corpos e almas, uma amálgama nojenta de trapos e sujidades, capaz de fazer calafrios aos mais fleugmáticos. E' um antro onde tudo se corrompe, até a própria luz do sol, caridoso

e universal. Ali não se vive; ali agoniza-se. E se a isto juntarmos uma alimentação escassa e imprópria, um salário exíguo, uma oficina esterqueira, um trabalho penoso, teremos os principais factores da terrível doença que tanto alarme está a despertar.

Levantem quantos sanatórios, quantos hospitais quiserem, multipliquem a assistência e as casas de saúde, que nada conseguirão, enquanto não derem ao proletariado o salário bastante para que elle tenha uma habitação e uma alimentação condignas, enquanto lhe não ministrarem uma instrução que os tire da falsa noção de higiene em que elle vive, que os roube a esse fatalismo embrutecedor em que se atola, em que o enterra a vil miséria a que se vê condemnado.

Não. Nem ilusões, nem sofismas. Não ganhamos nada com andarmos a enganar-nos a nós próprios.

Apela-se para o Estado, a fim de que este tome as urgentes medidas que o caso exige. O Estado que faça, que ande, que corra. Como sempre, portuguezinho ilustre volta-se muito lampeiro para o deus Estado e requer que este lhe dê sem delongas as armas e os apetrechos de que carece para enfrentar o perigo. Entretanto, e enquanto o Estado o não satisfaz, vai-se deixando dizimar com aquela asinina resignação do costume, sem se lembrar de que a resolução do problema cabe a todos, e que aquele pouco ou nada fará, se o não secundarmos com o nosso esforço e a nossa iniciativa. O mal é complexo. Para o debelarmos temos de juntar à acção do Estado a do município e a nossa acção individual. Ora, pois... voltaremos à carga.

Dório.

**EDITAL**

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, Administrador do Concelho de Guimarães;

Faz público que, para cumprimento do Art. 7.º do Decreto n.º 8364 de 25 de Agosto de 1922, baixou a Secção Administrativa da Câmara, o edital da 1.ª Circunscrição Industrial, do teor seguinte:

Manuel Jacinto Eloi Moniz Júnior, Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial;

Faz saber que: Companhia Portuguesa dos Petróleos «Atlantic» requereu licença para instalar um depósito subterrâneo de gasolina — 3.000 litros com bomba auto-medidora, incluído na 2.ª classe com os inconvenientes de perigo de incêndio, em Rua Vila-Flor, freguesia de S. Sebastião, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com rua Vila-Flor, sul, nascente e poente com terreno da Auto-Garage Avenida.

Nos termos do regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias a contar da da-

ta da publicação deste edital, podem tôdas as pessoas interessadas, apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com sede em Porto, rua Sá da Bandeira n.º 142-2.º.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 21 de Junho de 1930

Pelo Engenheiro-Chefe,

Humberto de Sousa Reis.

E' o que consta do referido edital.

Guimarães, 27 de Junho de 1930. E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secção administrativa, o subscrevi.

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

Calçado para quarto; grande sortido de calçado de pelica. Sapatos de cabedal com sola crepe para senhora a 24\$00. Sapatinhos de verniz, bébé, desde 6\$00. Sapatilhas e sapatos de borracha. Só na Casa Martins.

**Administração Municipal**

Faltariamos à verdade se dissessemos que tem agradado ao público a maneira como a Comissão Administrativa da Câmara se tem desempenhado das suas funções.

Pelo contrário, muitíssimos são os descontentes, os que desejariam ver desenvolver mais energia, mais actividade, por parte dos edis.

Algumas das queixas poderiam, talvez, desaparecer, se porventura se explicasse devidamente ao público as razões porque se faz ou deixa de fazer um certo número de coisas. Infelizmente, porém, a Comissão Administrativa, naturalmente por o achar dispensável, não tem tido o menor contacto com o público.

Desejariamos ter de aplaudir. Acima de tudo, porém, devemos falar aos nossos leitores a linguagem da verdade.

Porque não podemos alongar-mo-nos hoje em mais considerações a este respeito, fica a continuação para depois.

**Meias e peúgas**

O maior sortido. O melhor gosto. O mais barato.

Só na Casa das Gravatas.

**Mortos da Grande Guerra**

Segundo nos informam, a delegação nesta cidade da Liga dos Combatentes da Grande Guerra vai fazer todos os esforços para que, dentro em pouco, seja um facto a construção do monumento em memória daqueles que tombaram em terras de França e de Africa, defendendo o prestígio e a integridade da Pátria.

Já grande número de terras prestaram essa homenagem aos seus filhos caídos nos campos de batalha

Guimarães tem de cumprir também o seu dever. E vamos, que já não é sem tempo...

Conte a Liga dos Combatentes com todo o nosso apoio. Tudo faremos, da nossa parte, para ajudá-la em tão louvável quanto honroso propósito.

**PRÉDIOS**

Recebem-se propostas para a compra da magnífica Quinta de Rabiços em Creixomil, e vendem-se também 5 moradas de casas na Calçada da Pisca, na mesma freguesia, sendo duas de um andar com um bom campo anexo e uma sorte de mato no monte de Regadas.

Falar com o feitor José Fernandes. Rua de Santa Luzia, 135.

Deseja adquirir um lindo vestido de lã ou seda ou de tecido de algodão em fantasia? Vá à casa

HIGH-LIFE.

**Chapéus e Gravatas**

O maior sortido Os melhores preços Só na CASA MARTINS

**CASA PIMENTA**  
 DE  
**ALBERTO PIMENTA MACHADO**  
 FIBIAB - Rua 31 de Janeiro

---

Completo sortido de tecidos de algodão e lã para vestidos. Enorme variedade de casimiras para fatos. Estambres e elasticotines, ingleses.

---

**NÃO COMPRAR SEM VER OS SEUS PREÇOS.**

**CASA HIGH-LIFE**  
 MODAS CAMISARIA GRAVATARIA

Lúvas, colarinhos, meias, peúgas, perfumarias, sedas, sultanas, foulares, crêpes, setins, artigos de bordar, tecidos de lã lisos e fantasia, malhas, rendas, echarpes, véus, miudezas diversas, bolsas, castúres, sombrinhas em cores e preto, brelanhas e muitos mais artigos de que só nesta casa se encontra um grande sortido a preços muito reduzidos. **SEMPRE NOVIDADES. VENDAS SÓ A DINHEIRO.**

**ATOALHADOS E LINHOS** *Completo sortido de todos os tecidos próprios para enxovais*

**Gonçalves & Castro, L.<sup>da</sup>**  
 GUIMARÃES

Largo Prior do Crato, 7-8-9

*Lindas colecções de bordados de Guimarães e uma grande variedade de tecidos para roupas interiores*

**Preços das fábricas**

Papelaria - Perfumarias - Tabacos  
 Gramofones e discos - Radiotelefonía  
 Papéis de embalagem - Fio - Papelão

**CASA IDEAL**  
 JOAQUIM LEITE MONTEIRO

28, Rua 31 de Janeiro, 30 - Telefone 181 - GUIMARÃES

**CASA DE SANTA TERESINHA**  
 122, Rua da República, 122-A  
 GUIMARÃES

Papelaria e Livraria - Artigos religiosos - Objectos de escritório  
 Estampas, Oeografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.ª Comunhão, Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários, Fias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

**ALFABETARIA DE RIBEIRO, FILHO**

*participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber um enorme sortido de artigos de verão, em lindos padrões*

**Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudo, etc.**

9, Largo da Misericórdia, 10 - Telefone, 177 - GUIMARÃES

**CASA DAS GRAVATAS DE Dias & Carvalho, L.<sup>da</sup>**

43, Rua da República, 47 - Telefone 188 - GUIMARÃES

Chapelaria, Camisaria e Gravataria

*Completo sortido em meias, peugas, popelines, bolsas, malhas, guarda-chuvas, perfumaria, miudezas e artigos de novidade.*

**CASA REBELO**

117 - Praça D. Afonso Henriques - 118  
 GUIMARÃES

---

Completo sortido em tecidos próprios para a estação de verão a preços baratíssimos.

Fazendas brancas e miudezas.

---

**Visitem esta casa**

**CASA MARTINS**  
 A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para *Senhora, Homem e Criança*. Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percais para Camisas. Gravatas, Chapéus, Sombrinhas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Calçado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

**Bom, Bonito e Barato**  
 Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

**Francisco Ribeiro de Castro**

Papelaria e objectos de escritório - Perfumarias - Tabacos  
 Representante em Guimarães e norte de Portugal das Ginetas Conklin - Endura

---

Casa das Novidades	Artigos fotográficos	Papelaria Central
Rua da República, 103-A e 105-A	Telefone n.º 149	FILIAL
Rua Gravador Molarinho, 1 e 3	<b>GUIMARÃES</b>	Praça D. Afonso Henriques, 12 e 13